



DO SILÊNCIO AO DISCURSO DA ‘e-STÓRIA’: uma análise dos sujeitos Gessinger e Maltz¹

Clevilson da Silva*

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar, sob a luz das teorias do discurso, a letra da música **e-STÓRIA** da banda Engenheiros do Hawaii, composta por Humberto Gessinger e Carlos Maltz para o disco **Surfando Karmas & DNA** (2002); bem como, analisar o texto produzido pelos sujeitos sociais, músicos – compositores e instrumentistas – Gessinger e Maltz, na composição da letra **e-STÓRIA**. Dentro deste vasto campo analítico este artigo visa estabelecer diálogos entre as nuances do discurso como condições de produção, interdiscurso, relações de força, formações imaginárias, formações discursivas, formações ideológicas, entre outras dentro do discurso.

Palavras-chave: Letras. Língua. Análise do Discurso. Eni Puccinelli Orlandi. **e-STÓRIA**. Música. Sujeito. Discurso do Silêncio.

1 INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que as identidades dos sujeitos analisados estão baseadas e reafirmadas socialmente, ideologicamente e historicamente, além de estarem pautadas na linguagem musical e em seus discursos por meio das letras é que seu campo de ação discursiva, aparentemente reduzido, se torna vasto em sentidos tão ligados em compassos marcados pela poética da canção que os transforma mais densos e significativos como um poema.

¹ Artigo elaborado a partir do trabalho apresentado à disciplina de **Análise do Discurso: a linguagem no contexto Social**, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2011, sob a orientação da professora Dra. Tânia Pitombo de Oliveira.

* Graduado em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2008, Especialista em Literatura e Contemporaneidade pela – Faculdades Fasip (FASIP) em 2009. cursando a Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT / Sinop (2011/2012).

Os sujeitos que vivem no meio musical têm uma cultura própria e peculiar, no modo de vida, de pensar, agir, criar e expressar sua arte por meio de seus discursos. Assim, tornando seus textos um mundo de discursividade. Discursos esses que se moldam e se fazem sentidos no silêncio, nas letras, na música e no cantar.

Parafraseando Eni Puccinelli Orlandi, na música o silêncio também vem primeiro. A linguagem vem depois. O silêncio se propaga pelos acordes e pela propagação da vibração dos instrumentos em ondas sonoras por todo o espaço e, somente depois o silêncio é quebrado pela letra cantada, a qual já havia quebrado o mesmo quando foi transpassada para o papel.

A relação entre letra e música é indivisível. A música pode ser somente sonoridade, a letra pode ser apenas linguagem e discursividade, porém, a canção só pode ser canção se a letra e a música seguirem o mesmo discurso. E seguem, por excelência. Este artigo tratará, por objetivo, apenas do discurso existente na letra a ser analisada.

2 CONTEXTUALIZANDO OS DOIS SUJEITOS DO DISCURSO

Para que no desenvolver das discussões em torno da análise de **e-STÓRIA** é importante uma breve contextualização biográfica dos sujeitos – compositores – em questão: Humberto Gessinger e Carlos Maltz. Afinal, quando trata-se de discurso do sujeito é importante que entenda-se o contexto no qual esse sujeito se desenvolveu e que é permeado pela materialidade do lugar em que está no momento da produção de seu discurso.

Humberto Gessinger, nascido em Porto Alegre, 24 de dezembro de 1963. É compositor, guitarrista, baixista, pianista entre outros. Gessinger é descendente de alemães e italianos. Já escreveu para colunas em jornais e autor de três livros sobre sua biografia e da sua banda Engenheiros do Hawaii. cursou a faculdade de arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1986 gravou o primeiro disco com os Engenheiros do Hawaii, sendo o único a permanecer na banda até hoje. É casado com a arquiteta Adriane Sesti, antiga colega de escola e faculdade, e com ela tem uma filha chamada Clara. Já morou em São Paulo, Rio de Janeiro e atualmente mora em Porto Alegre. Tem como influência a música brasileira dos anos 70, Pink Floyd e Bob Dylan dentre outras. Leitor voraz. Tem suas letras repletas de referências literárias, em especial do francês Albert Camus.

Carlos Maltz, nascido em Porto Alegre, 24 de outubro de 1962. É baterista e compositor, astrólogo, psicólogo e escritor. É de família judaica de engenheiros. cursou engenharia por um tempo. Fundou junto com Humberto a banda Engenheiros do Hawaii em 1986 e ficou na banda até 1996. Atualmente mora em Brasília e tem ligação com a UDV

(União do Vegetal). Lançou seu primeiro livro **Abilolado Mundo Novo** em 2010. Participa da divulgação de seu livro e faz pocket shows, palestras, exposições e bate-papos interativos.

Segundo Gessinger, depois da saída de Maltz os laços de comunicação entre eles se fecharam, voltaram a se falar anos mais tarde por meio da internet. Na conferência de e-mails, Gessinger recebeu um email dizendo ser Carlos Maltz, como recebia muitos e-mails dizendo serem seus parceiros de banda, não ligou muito, mas resolveu naquele dia responder com uma pergunta que somente ele e Maltz poderiam saber. Que sabor de crepe o Pitz gosta? E para alegria era mesmo Carlos Maltz, que respondera 'Banana'.

A partir desse momento voltaram a se falar constantemente e foi por meio da internet que começaram a compor juntos. Um mandava uma ideia, o outro complementava e respondia e, assim surgiu a letra de **e-STÓRIA** que será o objeto do discurso desses dois sujeitos.

3 UM OLHAR SOBRE OS SUJEITOS

No contexto da análise, temos dois sujeitos discursivos localizados em contextos de localização e forma de vida totalmente diferentes, porém, em um mesmo contexto comum no processo de produção do discurso (internet/e-mail). Esse contexto em comum é o meio de comunicação, o canal em que os discursos percorrem entre locutor/interlocutor e vice-versa, após saírem do silêncio.

Partindo do pressuposto de que a ligação existente entre os dois sujeitos é histórica, porém, no presente momento de composição da letra **e-STÓRIA** o que eles têm em comum são apenas o canal de comunicação e a formação do imaginário de ambos, que é comum dos tempos de convívio como banda. Neste caso, o canal de comunicação, entre os sujeitos, é muito pouco afetado por fatores externos no ato da comunicação. Torna-se mais limpo, sem interferência comum de outros meios.

Analisando esse contexto é possível pensar que o ambiente interfere apenas na produção do discurso do locutor. O interlocutor, nesse caso, é afetado como interlocutor apenas por sua formação imaginária, no que tange à sua recepção do discurso do locutor, o ambiente é diferente, e apenas pela busca do imaginário é que se fará o discurso no sujeito receptor. Desta forma os dois sujeitos estão recebendo influências com capacidade de distorção do discurso, somente por meio do ambiente que está inserido na recepção da mensagem.

A condição de produção de cada sujeito vem de sua situação, tanto histórica quanto presente. A situação entre os dois sujeitos desta análise é historicamente relativa, porém, a o

afastamento da situação do presente, a qual traz concepções e visões diferentes e, nesse processo os discursos se fazem diferentes em alguns pontos do processo de composição de **e-STÓRIA**, no entanto, esse contexto de situação mais amplo funciona conjuntamente como retrata Eni P. Orlandi (2006, p. 15) “As condições de produção incluem pois os sujeitos e a situação. A situação, por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em sentido lato. [...] em toda situação de linguagem esses contextos funcionam conjuntamente.”

Sendo assim, o que firma o discurso dos sujeitos é a posição quanto sujeito discursivo. Nesse caso, os sujeitos analisados são pontos dessa interação entre enunciado e destino, são interlocutores permanentes dos discursos, porém, com diferentes posições como sujeitos.

Essas relações são parte do jogo de formações imaginárias entre os sujeitos do discurso. Nesse jogo de imaginário, no caso dos sujeitos analisados (Gessinger & Maltz), o processo de formação desse imaginário é muito mais histórico no sentido de condição de produção, pois o canal é isento de interferência do meio no ato da comunicação, o canal não sofre influência até que chegue ao destinatário.

A interferência, neste caso, ocorre no processo criativo da composição, pois, um sujeito readapta as condições de produção do discurso do outro no seu fazer discursivo. Ocorre a readaptação, reformulação, reordenação da direção do discurso, ou então, a readaptação de seu discurso para fluir o discurso do outro, como veremos posteriormente na análise da letra. Todo esse processo de reorganização dos discursos se pauta e se perpetua de acordo com suas formações ideológicas, sem dúvidas.

A presença do ideológico é parte marcante nos processos de composição, principalmente musical. É um processo cultural do músico. A sua formação ideológica não se desassocia de seu discurso, mesmo que premeditadamente ele não se extingue. Em uma formação discursiva relativa a uma composição de letra de música, mesmo que na condição em que estavam inseridos Gessinger & Maltz, as ideologias são independentes, devido às formações diversas de cada sujeito.

Essa posição ideológica dos sujeitos é produzida pela formação discursiva deles. Segundo Orlandi (2006, p. 17) Chamamos então formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito. É essa formação discursiva que existe nos sujeitos que possibilita a antecipação do locutor sobre o discurso do interlocutor. Essa evidência de Orlandi faz com que a análise da letra **e-STÓRIA** se faça realidade no campo das formações ideológicas. Determina o que pode e deve ser dito.

Dentro do contexto da letra, do discurso do sujeito enunciador é que o destinatário pode interpretar os sentidos e na posição de sujeito enunciador ter o discernimento do que pode e do que deve ser enunciado em seu discurso. O discurso é primordialmente a concepção da ideologia e, o discurso é apresentado essencialmente pela língua. Portanto, um sujeito é suprimido pela relação de ideologia e língua.

No silêncio se determina ideologicamente o discurso a ser enunciado que se estabiliza pela linguagem, porém, o real significado está no silêncio. Segundo Orlandi em **As formas do silêncio**:

o silêncio é fundante. Quer dizer, o silêncio é a matéria significante por excelência, um continuum significante. O real da significação é o silêncio. E como o nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede a essa: o silêncio é o real do discurso. (ORLANDI, 2007, p. 29).

4 ANALISANDO A ‘e-STÓRIA’

Temos dois sujeitos constituídos de formações ideológicas distintas, com condições de produção distintas e relativas historicamente e, formações imaginárias que se tocam em algum ponto da reta de seus discursos. Temos sujeitos porto alegrenses, músicos, de mesma década, com caminhada paralela até determinado ponto e, que se encontram por meio de e-mail depois de anos de distanciamento verbal, físico, afetivo e geográfico. Os discursos vão e vêm por meio de e-mail na formação de um discurso único, a letra da música **e-STÓRIA**. Um discurso de construção da história por meio de uma nova estória.

As duas primeiras estrofes (1 e2) retratam um discurso histórico, comum aos dois sujeitos; o locutor transmite em seu discurso significados que são comuns ao sujeito interlocutor, ele antecipa a compreensão do destinatário. porém, o interlocutor ao processar os significados se faz locutor nas estrofes (3 e 4) e, em seu discurso traz fatos que o interlocutor não tem conhecimento, dependendo assim, de suas formações imaginárias para dar significados ao discurso do outro. Essa busca pelo imaginário é visível na estrofe 5.

Nas estrofes (11, 12, 13 e 14) os dois discursos trazem significados comuns apenas para o locutor, porém, nas formações imaginárias de ambos os discursos são de senso comum. Os dois moraram muito tempo em Porto Alegre, então a gíria ZH (Zero Hora) é comum a ambos. E é evidente que em Brasília existem pessoas que gostam de trabalhar, embora o estereótipo seja de ‘políticos’ folgados.

Nas estrofes (15, 16, 17, 18, 19 e 20) ocorre a readaptação às condições de produção do discurso do outro no fazer discursivo de ambos os sujeitos. Ocorrendo assim, uma

reordenação da direção do discurso, ou então, a readequação de seu discurso para fluir o discurso do outro, baseados nas formações ideológicas, de construção e de imaginário, numa tentativa de antecipação do discurso do outro. Nos trechos (27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36,37 e 38) é perfeitamente visível as posições ideológicas de cada sujeito.

Maltz de 27 até 30 monta um discurso ideológico forte e crítico, de modo direto e ácido ao dizer “como se jogassem a lata fora depois de beber um Red Bull”. É o interdiscurso presente. Enquanto Gessinger traz nas estrofes 31 até 38 um posicionamento ideológico voltado para sua formação histórica, um discurso também ideológico de comum relação o outro sujeito como: “nós dois a pé na Carlos Gomes” e “crepe de banana”.

Os posicionamentos ideológicos são distintos, porém, ligados por um discurso maior **e-STÓRIA**, como constata-se no desfecho do discurso: “agora... agora virando as voltas que essa vida dá - o passado já foi, o futuro virá surfando karmas e DNA - virando **e-Stória, e-Stórias** - Rosana chegou o futuro verá”.

Os dois sujeitos trabalharam seus discursos, ideologias, memórias, formações discursivas e outros, no simples intuito de formar na letra da música **e-STÓRIA** um grande e único discurso. Evidentemente que dentro de uma música, especialmente essa, há vários discursos, porém, estes discursos e significações caminham para um mesmo lado, a composição.

Outro ponto essencial é que a letra e a música foram criadas para contar uma estória, por meio de histórias, mas, não para os sujeitos compositores e, sim para outros sujeitos que não fazem ideia dos discursos, no entanto, serão capazes de, por meio de todos os recursos que Gessinger e Maltz usaram na composição, buscarem sentidos e significações para a letra. Essa é a grande magia do discurso.

‘e-STÓRIA’²

letra: Gessinger / Maltz 2002.

- 1 cara, tú não vai nem acreditar:
- 2 continuo mergulhando sem saber nadar
- 3 cara, ‘cê não vai acreditá:
- 4 tô plantando manga na margem do Paranoá
- 5 não acredito, cara! Quer trocar de lugar?
- 6 (às vezes fico a fim de mandar tudo pro espaço)

² As estrofes em preto, discurso: Gessinger. As estrofes sublinhadas, discurso: Maltz.

7 calma aí maninho... tô voltando pro pedaço!
8 (se isso não der samba, pelo menos dá um abraço)
9 agora... agora, virando as voltas que essa vida dá
10 agora... agora, surfando karmas e DNA
11 cara, tú não vai nem acreditar:
12 aqui em Porto Alegre anda tudo ZH
13 cara, 'cê não vai nem acreditá:
14 aqui em Brasília tem gente que gosta de trabalhá
15 cara, tú não vai nem acreditar:
16 andei pensando no futuro com ortomolecular
17 legal mano, também vou experimentá!
18 mas se a coisa ficá preta o negócio é aquele chá
19 cara, tú não vai nem acreditar:
20 tava pensando mesmo nisso antes de conectar
21 agora... agora, virando as voltas que essa vida dá
22 agora... agora, surfando karmas e DNA
23 Adriane e Clara mandam beijos pra vocês
24 (coisas que não cabem nos encartes dos CDs)
25 talvez no final do ano ou talvez no final do mês
26 dou um pulo em Porto Alegre (Silva Jardim 433)
27 jogam bombas em Nova Iorque
28 jogam bombas em Cabul
29 como se jogassem a lata fora
30 depois de beber um Red Bull
31 Master de TC
32 Flap de SP-2
33 nós dois a pé na Carlos Gomes
34 camburão pintou depois
35 crepe de banana
36 Advogados de Havana
37 não pergunte quem foi Ana
38 nem o que é 'trottoir'
39 agora... agora
40 virando as voltas que essa vida dá

Dicionário

ZH: jornal ZeroHora de Porto Alegre

SP-2 e TC: carros esportivos de 1970

Camburão na Carlos

Gomes: policia vários ataques sofridos por causa dos cabelos longos

Silva Jardim 433: casa de shows

Advogados de havana:

queriam esse nome para a banda

Rosana: filha de Maltz

Paranoá: lago de Brasília

Ana: nome de uma música

Trottoir: trecho de uma música

- 41 o passado já foi, o futuro virá
42 surfando karmas e DNA
43 virando **e-Stória, e-Stórias**
44 Rosana chegou o futuro verá

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresenta a relação entre dois sujeitos distintos ideologicamente, porém com relações históricas em comum. Essas relações fazem com que os discursos caminhem pela mesma linha compositória em que os dois mundos, distintos e geograficamente distantes, se fundem em relações históricas de um passado recente e do presente.

Os discursos que afloraram no processo de composição entre Gessinger e Maltz são carregados de imagens e sentidos pessoais de uma história em comum, que amplia a intensidade da formação discursiva dos sujeitos envolvidos no processo.

O silêncio se faz pelo discurso de Gessinger e Maltz e, é quebrado pelo mesmo discurso. O silêncio se faz discurso.

A letra da música **e-STÓRIA** reflete as posições ideológicas dos sujeitos, as vivências e as aspirações de um futuro não muito distante.

O contexto em que está inserido o processo de composição reflete na liberdade dos discursos dentro da simetria da própria canção. A relação entre o silêncio e o discurso que ocorre na troca de ideias por e-mails é por essência livre. O discurso do outro fica à deriva até ser resgatado pelo interlocutor que codifica e quebra o silêncio no simples exercício da leitura/interpretação.

O que torna esse trabalho de composição entre Gessinger e Maltz primoroso é o túnel atemporal que a canção caminha para ser composta; esse lugar sem razão existencial formado de dados e partículas cibernéticas que criam a máquina do tempo onde o ir e vir dos discursos não sofrem interferências racionais e conscientes antes que cheguem ao destino desejado, o sujeito do discurso.

THE SILENCE OF THE SPEECH ‘e-Storia’: analysis of the subjects Gessinger and Maltz

ABSTRACT³

This paper aims to examine, in light of theories of discourse, the lyrics **e-Storia** of band Hawaii Engineers, consisting for Humberto Gessinger & Carlos Maltz for compact disc Surfing Karma & DNA (2002), and analyze the text produced by the social subjects, musicians - composers and instrumentalists - Gessinger and Maltz, in the composition of the letter **e-Storia**. Within this vast analytical field this paper aims to establish dialogue between the nuances of speech and production conditions, interdiscourse, power relations, imaginary formations, discursive formations, ideological formations, among others within the discourse.

Keyword: Languages. Linguistics. Discourse Analysis. Eni Puccinelli Orlandi. **e-Storia**. Music. Subject. Speech of Silence.

REFERÊNCIAS

DI RENZO, A.; MOTTA, A.L.A.R.; OLIVEIRA, T. P. **Linguagem, História & Memória: discursos em movimento**. Campinas: Pontes, 2011.

GESSINGER, Humberto. **Pra Ser Sincero: 123 Variações Sobre Um Mesmo Tema**. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2010. 304p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. In: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy; ORLANDI, E. P. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

³ Transcrição realizada pelo aluno Clevilson da Silva, do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa e revisão pela professora Catichilene Gomes de Sousa (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).